ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)









2013 / Nº 88

Invasores!

Franceses, Ingleses e Holandeses no Brasil Colonial



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA ETRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS - 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS *lecaminha@gmail.com*

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Ilustração de Mauricio de Nassau, por Willen Jacobz Delff, 1637.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo O Tuiuti, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

Intrusões Francesas, Inglesas e Holandesas no Brasil Colonial

Invasores D'Além Mar

Fabricio Gustavo Dillenburg

Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

início da ocupação territorial deu-se, no Brasil, por uma busca portuguesa da manutenção de sua maior colônia, que se tornava alvo cada vez mais frequente de ataques de corsários. Entre os intrusos, bretões e normandos – diferentemente de ingleses e holandeses – desde o início tendiam a constituir povoamentos, o que era favorecido pelos maiores contatos mantidos com os indígenas. Entre os primeiros, constata-se a presença francesa em território brasileiro desde o século XVI, no Amazonas e em Santa Catarina.

Ora, as naus corsárias levavam considerável vantagem, na medida em que as patrulhas portuguesas não conseguiam uma cobertura total das costas da colônia. As imensas distâncias a serem cobertas, para que a proteção se efetivasse, tornavam virtualmente impossível encontrar os invasores. Apesar das tentativas da Coroa em manter a soberania do território, em meados do século XVI o maior receio português tornava-se realidade: a 15 de novembro de 1555, na Guanabara, fundava-se a França Antártica, por um

cavaleiro de longa tradição, de nome Villegaignon.

Buscando, talvez, novos desafios, devido à sua longa tradição guerreira, Villegaignon argumentará com membros da realeza francesa, tentando obter sustentáculo para o que seria seu maior empreendimento, a fundação de uma colônia nas costas do Brasil português. Com a ajuda da Corte, ele obteve recursos suficientes para pôr em prática seu projeto, sustentando-o como um meio de expandir além-mar os domínios da França. Tão audacioso era o plano,



que mesmo os que eram contra o cavaleiro deram-lhe apoio. Além disso, outro elemento entrava em jogo: a colônia a ser fundada poderia ser um local apropriado para o exílio dos que praticavam os princípios da Reforma, "mal" este que se espalhava de forma rápida pela Europa. O fato de Villegaignon ser um cavaleiro da Ordem de Malta, portanto insuspeito aos olhos do catolicismo, com certeza foi de grande influência para que

se concretizassem os seus pedidos. Tanto assim, que o próprio cardeal de Lorena forneceu-lhe ajuda.

Recursos à mão, abundantes até, e a promessa de múltiplos títulos incentivaram ainda mais a empresa. O recrutamento militar fez-se de forma rápida, até porque mantinhase forte a visão onírica do Novo Mundo, o que incentivava homens de todos os lugares a buscarem suas terras, ditas de abundância infinita e de aspecto paradisíaco. Soldados de múltiplas nacionalidades foram alinhados, desejosos de fortuna e honrarias, logo completando-se as guarnições necessárias. Todavia, ao fazer-se o recrutamento de colonos, processo chocou-se com uma realidade diferente: os calvinistas não deram a Villegaignon a resposta esperada, mesmo porque se este expressasse preferência religiosa que contradissesse o grupo dominante, católico, poderia dar-se um choque que impediria o definitivo desenlace da colônia. Optou o cavaleiro, então, pelo recrutamento de criminosos que, encerrados nas prisões francesas, não tinham maiores perspectivas. Apesar da consciência de que esses homens não eram a gente "mais adequada" ao empreendimento, era o que se fazia disponível. Não seriam levadas mulheres, por motivos óbvios, mas Villegaignon tentou, pelo menos, obter uma variedade de profissões entre os escolhidos.

O desalento chegou rápido, porém, aos que se estabeleceram na nova

terra. As dificuldades nas atividades eram imensas. Apesar disso, o receio de ataques de índios e, sobretudo, portugueses, fez com que o trabalho se mantivesse num ritmo forte. Em pouco tempo, as primeiras estruturas do que seria batizado como Forte Coligny erguiam-se, próximo ao litoral.

Contudo, parecia que, desde o princípio, o empreendimento estava fadado ao fracasso. Desavenças com um dos intérpretes causaram o rompimento do grupo, que se dividiu em blocos opostos. O tradutor, irritado por motivos relacionados ao seu matrimônio com uma indígena, retirou-se para o convívio com os índios, esquivando-se à disciplina francesa. Descontente, o intérprete armou uma vingança contra Villegaignon, que escapou à tentativa de assassinato e puniu, exemplarmente, os culpados que puderam ser capturados.

Denota-se uma dicotomia na visão sobre os gentios: por um lado, percebese o foco de um Villegaignon, que acusa os índios de ferozes e selvagens. Por outro, tem-se a visão dos humanistas do Velho Mundo, que percebem os indígenas como estando em sua idade de ouro, sendo gente sem malícia que vive num lugar de esperança. De outro modo, evidencia-se uma ambiguidade no entendimento do choque cultural entre as civilizações: alguns europeus acreditam que os índios afetariam o comportamento enquanto europeu, acreditavam que, na verdade, seriam os europeus, com suas instituições

e crenças, os que distorceriam a cultura indígena, fazendo com que os autóctones perdessem sua inocência e, mesmo, suas virtudes. Unânime, permanecia apenas o ponto de vista condenatório às uniões entre gentios e colonizadores.

A colonização da França Antártica deu-se tanto por católicos, como por protestantes, o que põe por terra a crença de muitos historiadores de que apenas huguenotes teriam povoado a conquista francesa. É bem verdade que, por meados do século XVI, o local seria visto como um ponto de refúgio para esses dissidentes, mas isso não impediu que católicos viessem tentar a empresa no Brasil. A propósito, cabe ressaltar que, em 1556, um expedição protestante foi enviada para evangelizar os "selvagens" que aqui se encontravam, trazendo consigo não só clérigos, mas também meninas



e mulheres, bem como meninos, tendo estes a função de aprender a língua indígena para servirem, no futuro, como intérpretes. O núcleo dos recrutados para essa expedição formou-se, portanto, sob condições melhores que a anterior, de marginais da sociedade francesa. O fato é que a união, em um mesmo local isolado, de protestantes e católicos, resultaria, posteriormente, em problemas que poriam a perder as vantagens obtidas pela França nas terras portuguesas.

Invariavelmente, têm-se que ter em mente a questão de que, a Europa, com suas controvérsias religiosas, é o ponto de referência. Apesar das relações aparentarem estar em um plano pacífico, os choques entre huguenotes e católicos seriam inevitáveis. As doutrinas, de mesma raiz, mas de incompatíveis estruturas, seriam de tal forma adversárias que Calvino interviria através de um enviado, que deveria sanar as dúvidas



Extraordinária pintura de Édouard Debat-Ponsan (1847-1913), representando uma cena (manhã, às portas do Louvre), do monstruoso massacre dos protestantes, ocorrido na Noite de São Bartolomeu.

e os desentendimentos, entre as partes que aqui se encontravam. Falhou, contudo, a tentativa, e as já enormes desavenças, se acentuaram. Villegaignon, em sua tentativa de manter a autoridade, que já sofria desgaste, reforçou os conflitos e causou mais uma divisão no grupo. Os novos dissidentes deslocaramse para um local diferente da povoação original francesa e, alguns, conseguiram mesmo voltar à sua terra natal. Os que concretizaram a proeza, calvinistas, passaram a criticar ferozmente a colônia e o modo como foi encaminhada sua lideranca. Começava a se desfazer, o sonho.

O cavaleiro líder da França Antártica ficou, assim, literalmente, entre a cruz e a espada: por um lado, era atacado pelos calvinistas, que o criticavam sem qualquer restrição; por outro, enfrentava a desconfiança dos católicos, que o acusavam de querer dar origem a uma nova heresia. Sem opções, Villegaignon embarcou para a Europa, para elaborar sua defesa frente à Corte que o apoiara. A colônia, desunida e fraca, sem liderança, ficou à mercê de índios e portugueses.

Para piorar ainda mais a sua situação, no governo da colônia portuguesa, acabara de chegar um novo homem. Era Mem de Sá, que vinha disposto a desalojar os franceses das terras conquistadas, e tinha, para isto, o apoio, tanto dos jesuítas, quanto do bispado. Em novembro de 1559, após muitos vacilos, aportava no Brasil a armada de Bartolomeu Cunha, que

teria papel definitivo no processo de expulsão dos invasores. Desembarcando na Guanabara com uma poderosa guarnição, os portugueses eliminaram rapidamente a resistência francesa, apesar desta ter, ao seu lado, vários grupos gentios.

Na França, ainda, Villegaignon nada mais pôde fazer para retomar o empreendimento. O rompimento com os protestantes foi básico para que isso ocorresse, já que lhe faltaria o precioso material humano para a colonização. Foi o fim da França Antártica.

A exclusão de Villegaignon da vida da colônia portuguesa não impediu, contudo, que as naus francesas continuassem investindo pelas costas do Brasil. Justamente, com o intuito de evitar que novas colônias fossem estabelecidas por invasores, Mem de Sá deu uma capitania a seu sobrinho, Estácio, a fim de que este a povoasse, tentando amenizar os longos espaços vazios do território. Por diversas vezes, os povoados estabelecidos por Estácio de Sá tiveram que ser mudados de lugar, porque ataques indígenas e franceses punham em perigo a própria existência dessas aglomerações.

Um dos sucessores de Mem, Antônio de Salema, empreendeu verdadeira campanha militar, submetendo tamoios e seus colaboradores estrangeiros. Os que não foram chacinados, acabaram escravizados. Os franceses, apesar dos revezes, mantiveram-se firmes em seus



Cena do filme *Rouge Brésil* (Vermelho Brasil), de Sylvain Archambault, produção francesa de 2001. Seu tema é a expedição francesa de Villegaignon ao Rio de Janeiro, em 1555. O filme é baseado na novela histórica de Jean-Cristophe Rufin.

propósitos, se não mais de colonização, de pirataria, o que causava uma série de dificuldades à navegação entre o Reino Unido – aliado onipresente de Portugal – e o Brasil. Contatando as inúmeras tribos, eles comerciavam e levavam grande quantidade de mercadorias, agindo, principalmente, nas áreas menos povoadas.

A instalação da França Equinocial, entretanto, foi mais duradoura e coesa. Unida pelas ordens reais, a colônia não se dispersaria por diferenças religiosas, como acontecera com a França Antártica. Ela manter-seia consideravelmente forte até a mudança de estratégia, frente aos intrusos, por parte de Portugal. O governador Gaspar de Souza eliminaria a colônia francesa, apesar da união entre as coroas hispânica e francesa, através de um casamento, derivar em relações um pouco mais

cordiais entre os dois países. A tomada, aos franceses, das terras por eles colonizadas, significará um novo esforço, no sentido de se fazerem novas investidas pelo território, a fim de ocupá-lo e impedir novas intrusões, absolutamente não desejadas.

É notável, entretanto, que a formação da União Ibérica estabelecerá mudanças drásticas. Portugal e Espanha, unidos, ditarão severidade na caça aos invasores, abordando navios e aniquilando tripulações inteiras. A rigidez no controle aumentou e a situação ficou insuportavelmente arriscada, para os que se dedicavam abertamente à pirataria.



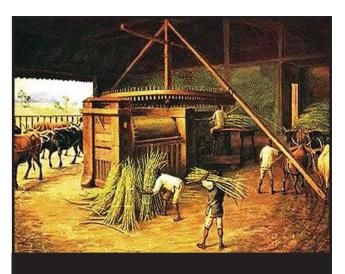
A criação da União Ibérica está relacionada ao problema da sucessão dinástica portuguesa, ao desejo de unidade cristã da Península como um todo, a dificuldades financeiras, sendo que o tráfico de escravos e os navios de transporte portugueses eram fundamentais para a burguesia de

ambos os países, que deles dependiam para manutenção dos lucros. De 1580 a 1640, o Brasil passa a integrar os domínios da Casa da Áustria, com vários acontecimentos decisivos para o futuro do país se desenrolando. Neste contexto, o movimento para o norte seria, realmente, fruto de um planejamento elaborado pelos Filipes, enquanto que o movimento, para o sul da colônia, derivaria de outros interesses, que não só espanhóis.

Castela será a mentora de leis que proíbem expressamente a vinda de estrangeiros às colônias portuguesas. Com exceção das "nações amigas", como as hanseatas e as italianas, desde cedo transportavam que mercadorias de e para o Brasil, a ninguém mais será concedida permissão de ancoragem às costas dominadas. Aliás, essas "nações amigas" costumavam trazer, inclusive, eminências do clero e do governo para a colônia, sendo de importância fundamental para a sobrevivência desta. Ora, a Lei da União expressava que, a partir de 1602, todos os navios deveriam passar por Lisboa, para uma verdadeira triagem do que levavam, de onde e para onde, sob a responsabilidade de quem, etc. Todavia, não eram todos os que obedeciam a ordem, mesmo porque, muitos, para cá se dirigiam com documentação falsa. Somavase a isto o fato de que, como as naus estrangeiras eram mais capazes, mais velozes e mais bem armadas que as naus portuguesas, os comerciantes da Península contratavam-nas para

os transportes. Mantinha-se no ar, apesar disso, um medo terrível de que os outros países viessem a saber das colônias no Brasil, até pelo "prejuízo" que poderiam causar às mesmas, já que a insuficiente frota bélica da Península, com todo o esforço dispendido, não conseguia controlar a gigantesca costa, que lhe havia sido posta sob guarda.

Enquanto isso, paradoxalmente, os Países Baixos serão os comerciantes que continuarão trabalhando com Portugal, com todo o peso de terem sido considerados inimigos União Ibérica. As vantagens que vinham à tona desse relacionamento econômico falavam mais alto do que a rivalidade que havia com a Espanha. Esta, via os holandeses como concorrentes de primeira instância ao monopólio comercial do Oriente, o que viria a se mostrar uma ameaça verdadeira, pois vários holandeses - que mantiveram contato com navegadores portugueses - chegaram às Índias e passaram a realizar comércio em fluxo considerável. Tanto assim, que uma súmula, de 1594, propunha a navegação em comboios, a fim de evitar o ataque de piratas. O problema era que os navios levavam pilotos portugueses, mas eram de origem holandesa e, com certeza, os navegadores dos Países Baixos aprenderam com os da Península o caminho para as Índias. De qualquer forma, o fato é que a concorrência resultou em uma guerra declarada entre Espanha e Holanda, com os navios deste país sofrendo abordagens



Em 1518, instalou-se o primeiro engenho no Brasil. Contudo, muitos historiadores consideram que a verdadeira indústria do açúcar foi implantada no Brasil somente a partir de 1530, com a vinda de Martim Afonso de Souza.

e confiscos. Como consequência, Portugal, por fazer parte da União, também estaria envolvida no conflito, e acabaria sendo quem mais sofreria a ira dos nórdicos, já que suas colônias faziam-se mais expostas. As perdas, para os portugueses, seriam incontáveis.

Os holandeses seriam responsáveis pelo estabelecimento de uma grande colônia em Pernambuco, após a tentativa frustrada de tomar a Bahia. A economia holandesa, dependendo em grande parte do açúcar brasileiro, veria como oportuna a tomada da área nordeste da colônia, suficientemente rica para satisfazer as necessidades financeiras da Holanda por longo período. A política opressora à navegação holandesa, instituída pela Espanha, que atrasava e confiscava os navios dos Países Baixos, reforçou ainda mais a decisão a favor das invasões. Entretanto, deve-se salientar, é fato



que Portugal e Holanda mantiveram fortes elos, mesmo durante a União Ibérica, já que a economia portuguesa dependia, em grande parte, dos serviços marítimos holandeses, assim como dos ingleses. A guerra entre Holanda e Espanha, porém, faria com que Portugal acabasse envolvido, e que suas colônias fossem atacadas.

Embora a documentação, ainda hoje existente, datada do final do século XVII e início do século XVII, demonstre que os holandeses não só foram fundamentais para o refino do açúcar brasileiro, como também para o financiamento de engenhos, deramse os choques. Em 1634, afinal, após uma tentativa frustrada de domínio da Bahia, e da tomada da Paraíba, os holandeses se adonaram do nordeste, onde se fixariam por longo tempo.

Ali, estabeleceriam contatos amistosos com os senhores de engenhos, que receavam perder status e poder, e que buscaram, por isso, aninhar-se sob os braços protetores da Coroa holandesa. Tolerava-se tal

comportamento porque, apesar de tudo, o lucro, que dos latifundiários advinha, era enorme. Por outro lado, a tolerância para com os católicos foi outra marca registrada do domínio holandês no Brasil, reforçada quando da vinda de Maurício de Nassau para governar a colônia, embora os judeus tivessem a liberdade de culto tolhida, desde cedo. Mesmo os portugueses que permaneceram na área, foram bem tratados.

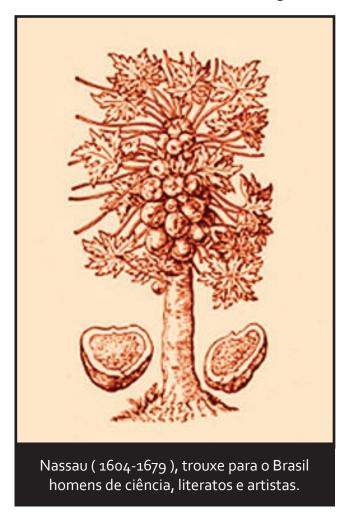
Nassau estabeleceu a época áurea do domínio holandês no nordeste, renovando a cidade de Recife e, nela, construindo um observatório astronômico, bem como uma espécie de zoológico. Refez a estrutura política da área de domínio holandês, calcando-a sob os moldes holandeses, denotando-se a instalação de uma autoridade para defender os interesses da Companhia das Índias Ocidentais, mentora do projeto de colonização. Mas, acima de tudo, manteve uma política que evitava a cobrança de juros exagerados dos latifundiários, o que poderia causar prejuízos à produção. De fato, quando de sua saída do Brasil, seus substitutos ignorariam suas recomendações nesse sentido, o que causaria insatisfação e resultaria em consequentes revoltas entre os canavieiros, mesmo porque uma série de catástrofes haviam se abatido sobre as plantações, entre 1640 e 1644.

Se a ciência astronômica recebeu vigoroso impulso através do observatório, contudo, não foi a única que progrediu. Nassau traria, da Holanda, cientistas em número considerável, que estudariam, por exemplo, as doenças tropicais, e que fariam o levantamento das costas nordestinas com invejável precisão. Entre outras, a botânica, a medicina, a meteorologia, todas receberiam a devida atenção. Ainda, a arte foi valorizada ao extremo, com o período sendo muito bem retratado através das obras de pintores holandeses que, para cá, foram deslocados. Foi um período de avanço, no qual podem ser percebidas as diferenças fundamentais entre os sistemas de colonização ibérica e holandesa. Embora a Holanda funcionasse, como Portugal, como um parasita, sugando as riquezas da colônia, de certa forma havia certa "compensação", através, principalmente, dessas obras elaboradas por Nassau. Se avaliarmos os avanços introduzidos por Portugal, e seu interesse na economia brasileira, perceberemos que o país ibérico em nada se preocupava, a não ser obter lucros imediatos, sem nada querer dar em troca. Tanto é assim, que somente haverá interesse, de fato, após a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Antes disso, fica realmente difícil localizar empreendimentos de porte, nas áreas cultural e científica.

Os holandeses tiveram relações, em seus domínios brasileiros, com franceses, escoceses, ingleses, israelitas e luso-brasileiros, nem sempre amistosas. Em geral, eles apareciam como comerciantes ou militares, sendo os escoceses,

principalmente, mal vistos pelos batavos, devido a pouca contribuição que davam para o "progresso da colônia", concluindo seus negócios e se retirando, sem nada produzir. Os israelitas, como intermediários no comércio, rapidamente arrebanharam o ódio dos holandeses, porque pelas mãos deles passavam todos os negócios, o que lhes garantia imensa influência.

Mas, através das contendas derivadas de casamentos entre holandeses e luso-brasileiros, fica uma certeza: o interesse holandês no Brasil era exclusivamente mercantil. O que daí proveio foi mera consequência. O que de fato interessava era o reforço da economia europeia. Daí os interesses distintos, entre senhores de engenho,



os comerciantes holandeses e os judeus, acabarem em atrito. De fato, as rebeliões pipocariam por toda a região, a partir do Maranhão, espalhando-se pelos domínios holandeses (inclusive, devido ao fato de Nassau ter se retirado para a Holanda, o que desequilibrou as relações na colônia). Muito contou, para isso, a questão, já citada, da cobrança de dívidas de forma incondicional.

Por outro lado, a guerra entre Inglaterra e Holanda, que se iniciaria em 1652, seria o momento explorado pelos portugueses para reforçar o auxílio aos insurgentes que, já recebendo apoio financeiro e material da Inglaterra, conseguiram expulsar, em definitivo, os batavos do território brasileiro. Em 1661, oficialmente, a Holanda reconhecia a perda da colônia para os portugueses.

Outranação que começa a se interessar navegação pelo Atlântico, pela quando se vislumbra a metade do . século XV, é a Inglaterra. Em 1530, os ingleses fazem sua primeira viagem para a área, justamente para o Brasil. Conduzida por William Hawkins, um negociante de Plymouth, ela, desde logo, estabeleceu bons contatos com os índios, sendo que, na segunda travessia, um chefe dos gentios foi levado até a Corte inglesa. Depois de Hawkins, vieram comerciantes de Londres, de Southampton e de inúmeros outros locais, provavelmente conhecendo as rotas através de franceses e holandeses. Diferentemente de franceses e holandeses, os ingleses não visavam uma ocupação, de fato. A forma de exploração da colônia, por eles idealizada e posta em prática, dava-se de forma diferente, voltada mais ao corso e ao butim, do que à exploração territorial efetiva.

Ao que tudo indica, o comércio era intenso, pois um certo Pudsey, sob ordens do Almirantado britânico, chegou a construir um forte na Bahia, a fim de proteger as relações de troca, principalmente de algodão, de papagaios e de pau-brasil.

A guerra entre a França e a Inglaterra, entre 1544 e 1546, juntamente com maior vigilância das costas contribuíram para brasileiras, decadência das transações comerciais. Com a ascensão da rainha Isabel ao trono, o fluxo retornou, iniciando-se pelos ingleses um grande processo de expansão marítima, o que possibilitou o conhecimento das costas do Brasil, com grande precisão. A capitania de São Vicente, e o Nordeste, em geral, tornar-se-iam os alvos principais dos ingleses, que ali passaram a ser vistos, frequentemente. Várias naus estiveram negociando, na região, por longo tempo, como o navio Minion, que ancorou em São Vicente, ininterruptamente, por meses, e o Royal Merchant. Os ingleses só não sua influência, expandiram mais porque a ação dos piratas os impediu. Chegaram, mesmo, a fretar navios portugueses, para comerciarem ainda mais com o Brasil.

A pirataria visava, basicamente, dois propósitos: a diminuição do poderio

espanhol nos mares e a participação nas riquezas descobertas na América. Nomes famosos estão ligados aos desafios impostos pela caça aos navios carregados de tesouros. Francis Drake é um deles, que realizou a segunda circum-navegação do globo (1577), plena de êxito, e que levou a várias outras expedições (sendo que a única outra, que obteve sucesso, foi a de Thomas Cavendish, de 1588, data que marca, também, uma etapa de maior atenção da Inglaterra para com o Brasil). Fenton, Withrington, Lister, são outros navegadores ingleses que aqui estiveram, sendo que, os dois últimos, assolaram as costas baianas, por cerca de dois meses. Posteriormente, Cavendish viria de novo ao Brasil, mas, desta feita, não para comerciar. Viria como pirata, dominando Santos e destruindo parte das instalações ali existentes.

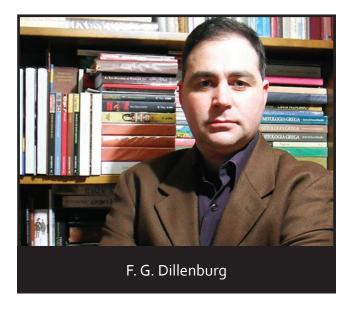
Em 1595, outro inglês, Lancaster, atacou o Recife, obtendo um butim de proporções tão grandes (um navio proveniente das Índias estava no porto), que pôde dividir as riquezas com os navios franceses que estavam com ele, tendo, ainda, que providenciar o fretamento de navios holandeses, para transportar as mercadorias tomadas. Foi um sucesso, como assalto, e mostrou aos ingleses o quanto poderiam, ainda, lucrar com a pirataria.

No século XVI, portanto, percebese que o Brasil ocupava um lugar importantíssimo nos interesses mercantis e marítimos ingleses, que aqui fizeram ponto de apoio para as navegações e, como não poderia deixar de ser, alvo para ataques de piratas, que muito lucraram nas costas da maior das mal protegidas colônias portuguesas.

Referências Bibliográficas:

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1985. Cap. I-V. p.147-253.

MARTINS, J. P. Oliveira. **História de Portugal.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.



Sobre o Autor: Fabricio Gustavo Dillenburg tem formação em História e é fundador e responsável pelo Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis. É autor de "Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino". Mais informações, nos endereços virtuais www.nucleomilitar.com e www.nucleomilitarblog.com.

